

Breve relato sobre a viagem à Carajás com o representante
da ICCO - junho 1991

Iara Ferraz

A chegada à Marabá foi na sexta-feira, dia 14 de junho, ao final da tarde. Além do presidente do CEPASP (Raimundinho), aguardava-nos no aeroporto o representante da FASE local, entidade que iniciou suas atividades na região há cerca de um ano. Informei-o que deveríamos fazer a programação da estadia de Gerard na região ainda naquele fim de tarde (diante da sua intenção de levar consigo o representante da ICCO, informei-o também de que havia antecipado minha volta de uma viagem à Itália especialmente para poder acompanhar esta visita de Gerard à região de Carajás, onde ele avaliaria as atividades do CTI na região).

Fomos à assembléia do CEPASP (às 20 hs.) após fazermos a programação para três dias (na verdade, Gerard gostaria de ter ficado ali por mais dois dias, mas como eu não poderia acompanhá-lo, decidiu retornar também). No CEPASP - uma assembléia geral de avaliação (um balanço) das atividades e escolha (eleição) da nova diretoria (mandato de dois anos) - que durou cerca de duas horas, o representante da ICCO esteve como observador, tendo apenas feito algumas anotações sem, no entanto, se pronunciar (eu também participei como observadora apenas). Na verdade, a presença dele parecia constranger um pouco as pessoas. Só ao final da sua estada em Marabá (na noite do dia 17 fizemos uma sessão dos vídeos do CTI) ele trocou algumas palavras com Raimundinho, embora eu lhe tenha apresentado o coordenador do CAT (Manu), com quem pensava que ele tivesse interesse em conversar, conhecer o trabalho, etc. E só mesmo na última meia hora antes de embarcarmos, conversou no aeroporto com o representante da FASE (que, por sua vez, não tem boas relações com as demais entidades que estão há muito mais tempo na região).

Conseguimos o carro do CEPASP e o seu motorista, Raimundo, por todo o fim de semana. Sábado saímos para o Mãe Maria, onde chegamos quase meio-dia. Recebeu-nos o Paiaré (fomos diretamente à casa dele). Os outros homens estavam jogando flechas no novo "acampamento", junto à aldeia.

Paiaré contou-nos da reunião que havia sido promovida pelo CEPASP em Marabá no fim de semana anterior (meio-ambiente), onde estavam 65 índios, de 11 aldeias (Pukobjê, Krikati, Aikewar, Parakanã e Asurini), um representante da COIAB e Ailton Krenak, pela UNI (eu havia levado as fotos do tal encontro, o que motivou a conversa). Paiaré está confuso quanto às perspectivas de formar uma associação dos índios da região:

filiada à UNI, à COIAB ("que é o CIMI com outro nome", segundo ele), ou algo independente? Pediu ajuda para uma discussão mais aprofundada conosco, com a CPI-SP e com a UNI (Ailton).

Fomos em seguida ao jogo de flechas (fui na frente para anunciar a visita; ~~mas~~, sabia que Krohokrenhum não nos esperava, pois não fora avisado antes, formalmente, como eu havia pedido... Raimundo, que havia chegado há apenas alguns dias de São Paulo, também não havia falado do assunto). Na verdade, a que se devia a presença daquele estranho ser (o Gerard, para eles também, é uma figura algo monstruosa) ali na aldeia, que pouco falou e fotografou muito?

Krohokrenhum não lhe deu importância (ainda mais quando soube que não dormiríamos na aldeia, quando talvez, à noite, no pátio, houvesse oportunidade de conversar um pouco...). Prosseguiu jogando flechas com os outros homens (e Gerard fotografando-os, quando permitiam - alguns velhos não deixavam, fazendo um sinal negativo com a cabeça). Krohokrenhum falou-me da dura reunião que fizeram com a CVRD em meados de junho passado, da qual eu não participara; perguntou-me ainda sobre os resultados da minha pesquisa sobre as perspectivas de exportarem a castanha na próxima safra (pois a deste ano foi perdida) e quis logo saber quando eu estaria de volta, com calma. Marquei para julho próximo.

Raimundo fez questão de mostrar o seu vídeo recém-editado para o Gerard, levando para sua casa. Insistentemente (contou-me depois o próprio Gerard) queria saber quanto ganhamos por mês no CTI, quanto \$\$ a ICCO dá ao CTI (ao que o Gerard então respondeu que se tratava de assunto de interesse entre o CTI e a ICCO...)

(Ao final da tarde, terminado o jogo, despedimo-nos e retornamos à Marabá. No "12", Raimundo, o motorista e eu perguntamos se ele havia gostado de ter ido à aldeia dos "Gavião", ao que ele nos respondeu: - "Gostar eu gosto é da Holanda... aqui, para visitar, é bom, é o meu trabalho...")

No dia seguinte, domingo, fomos ao Sororó, onde chegamos por volta das 14 horas. Muitos estavam caçando - havia pouca gente na aldeia. Reunimo-nos em casa de Umassu, onde mais tarde chegou Tiremé (que estava num povoado vizinho, "Some Home", onde Raimundo, o motorista do CEPASP, fora apanhá-lo, a pedido de Umassu). A conversa começou com a história do pequeno caminhão comprado pelo convênio CVRD-FUNAI e que permanece em Marabá (na Administração Regional da FUNAI), sendo motivo de muita indignação por parte dos índios, que o querem na aldeia, uma vez que foi comprado para lá. Enfatizam sempre muito a necessidade deste veículo na aldeia, para transporte de doentes,

quaisquer emergências, ou mesmo para a comercialização de alguns produtos, como bananas ou castanha-do Pará.

Em seguida, falou-se, mais uma vez, da necessidade de comprar novos burros (quatro) para poder retirar a castanha que está cortada, na mata (em depósitos secos). A comercialização da produção (cerca de 500 hectolitros, segundo Tiremé) será oportuna em julho em Marabá, onde o preço agora (junho) está em torno de Cr\$ 7.000,00/hl (e deverá subir na estação seca). Para poderem retirar esta castanha da mata, precisam ainda reparar a carreta do pequeno trator que existe na aldeia. Faltam recursos (que nos foram solicitados). Pedi a Tiremé que fizesse um orçamento detalhado e por escrito e que o enviasse ao CTI para avaliarmos a possibilidade de colaboração.

Por fim a questão da terra. No início da estação seca temem a ocorrência de novas invasões de posseiros para a abertura de roçados. Pensam em reavivar as picadas demarcatórias (antigas) para evitar (ou pelo menos prevenir) estas invasões. Para tal, precisam de recursos para comprar "rancho". Perguntam sobre o andamento da ação judicial para a revisão da demarcação (a procuração que Tiremé e Cacá fizeram em março último para os advogados da SDDH, que aguardavam uma conversa com Marés quando este esteve em junho último em Marabá - o que não ocorreu e a ação ainda não foi iniciada). Tiremé sabia do novo decreto para revisão das demarcações. Esclareci que, através do CTI, estávamos encaminhando uma relação de áreas a serem incluídas na listagem da FUNAI e, entre elas, o Sororó. e que eu acompanharia esta questão em Brasília. Marcamos para julho uma conversa com o vereador de São Domingos do Araguaia (que agora se emancipou de São João), o antigo delegado sindical do STR de São João, sobre os contatos com os posseiros que se encontram na área reivindicada pelos índios.

Gerard, que se encantou com pequenos jabutis, fora à casa das missionárias do CIMI (agora duas) que trabalham com alfabetização e "fortalecimento da cultura" (uma delas já há cinco anos). Gerard disse-me mais tarde que achava que elas "faziam a mesma coisa" que nós (do CTI), com a vantagem de que moram na aldeia! Conte-lhe então que a questão da terra - essencial para os Aikewar - só recentemente havia entrado no discurso do pessoal do CIMI que trabalha ali, ainda assim porque uma das moças era militante do movimento negro em Salvador (BA) e, por isso, tem uma compreensão distinta do seu trabalho atual (que não aquela da evangelização ou do batizado coletivo, tal como feito pelo Pe. Nello em 1984). Ao final da tarde retornamos à Marabá.

Na segunda-feira, depois de uma certa dificuldade em arranjar carro e motorista (e confirmar com a CVRD no Rio de Janeiro a autorização para visitar a área de Carajás, a mina), partimos com o Gatão (representante da FETAGRI e do Conselho Nacional

dos Seringueiros em Marabá) para Parauapebas. Dali, no sopé da Serra de Carajás, um motorista da Prefeitura acompanhou-nos até o núcleo urbano de Carajás, onde nos esperava um funcionário da CVRD (o gerente do convênio com os Xikrĩn, que contou-nos suas dificuldades com os madeireiros e as relações com os índios). Este guiou-nos por duas horas numa visita à área da mina (N4) atualmente em exploração (ferro e manganês). Recusamos visitar o parque zoo-botânico (apesar da insistência dele) reafirmando nosso interesse pela área da mina, condições de trabalho, etc. Gerard fotografou muito.

No dia seguinte, já no avião retornando à Brasília, Gerard perguntou-me sobre as perspectivas em relação ao futuro destes projetos, ou seja, do trabalho do CTI naquela região ("sobretudo se a PPM vier a se retirar..."-sic). Falei-lhe da pesquisa que pretendo realizar junto com o CAT e o CEPASP, a partir de julho próximo, sobre a viabilidade de exportação autônoma da castanha produzida (coletada) pelo índios do sudeste do Pará (num primeiro momento) e pelos pequenos produtores rurais que se encontram assentados (ou ocupando) áreas de castanhal na região (contei da experiência do Araras, neste sentido, e da avaliação feita pelo CAT, reconhecendo que, na experiência realizada no ano passado houve algumas falhas). Ele acha que um convênio com o CAT (que tem agrônomos, economistas, pessoal capacitado) pode ser uma saída, uma vez que esta história é muito complicada (a exemplo da experiência de Xapuri, no Acre). Disse-me que a ICCO já financiou vários experimentos neste campo (Índia, África, Ásia) e que nunca obtiveram resultados satisfatórios, que "nunca deu certo" e que certamente será um desafio para nós também.